
Sobre sexo, desejo, amor e ódio em “O búfalo”, de Clarice Lispector ou sobre a interdição ao outro que não se adéqua ao modelo social dominante

Elaine dos Santos¹
Programa de Pós-graduação em Letras/ UFSM

RESUMO: No presente texto, faz-se a análise do conto “O búfalo”, de Clarice Lispector, em que se enfatiza o desejo carnal feminino, que, ao longo dos anos, tem sido considerado impróprio, colocando-se o sexo feminino como uma extensão do macho, ele responsável pela saciedade dos desejos físicos, assim como pelo domínio da família, pelo provento que lhe garante a continuidade. O local impróprio para odiar, como deseja protagonista, é o jardim zoológico, em plena primavera, considerado, na ótica em que se analisa o conto, como impróprio porque é, justamente, a estação do florescer, do amar.

PALAVRAS CHAVE: Mulher – Anjo tutelar – Sexualidade reprimida – Transgressão.

ABCSTRACT: This paper presents an analysis about a short story “O búfalo”, by Clarice Lispector. It emphasizes is a feminine flesh time, throughout the years, it has been considered improper, because a feminine sex it was understood as male’s extension. A men is responsible a financial survive his family and continuity guarantees to it. A woman is a main personage select a zoo, in the spring, for to hate, but this place is improper because is spring, is new life, is a love’s time.

KEYWORDS: Woman – Short story – Restrained sexuality – Trespass.

A sociedade ocidental, sobretudo, após o advento do Cristianismo, parece legar à mulher duas atribuições fundamentais: o casamento, passando da proteção paterna para o amparo marital, assim como a maternidade, a procriação, sem que, para isso, os desejos carnis sejam, de fato, determinantes. Concede-se ainda à mulher a primazia do amor: do amor filial, do amor fraternal e compete ao homem prover o lar, proteger a esposa, enfim, ser

¹ Professora mestre. Doutoranda em Estudos literários pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS. Email para contato: e.kilian@gmail.com

o lutador diário, o defensor do lar, o ser de força em oposição à mulher, o ser indefeso, a ser dominado:

E o senhor Deus chamou por Adão, e disse-lhe: Onde estás? E ele respondeu: Ouvi a tua voz no paraíso, e tive medo, porque estava nu, e escondi-me. Disse-lhe Deus: Mas quem te fez conhecer que estavas nu, senão o ter comido da árvore, de que eu te tinha ordenado que não comesses? Adão disse: A mulher, que me deste por companheira, deu-me (do fruto) da árvore e comi (...).

Disse [Deus] também à mulher: Multiplicarei os teus trabalhos e (especialmente os de) teus partos. Darás à luz com dor os filhos, e estarás sob o poder do marido, e ele te dominará (Gênesis, cap. 3, v. 9-12 e 16).

Assim posto, a mulher estaria, em consonância com os preceitos religiosos condenada ao sofrimento, à dor e carregaria, consigo, o estigma do pecado, da contradição aos desígnios divinos. Seu lugar é, pois, nesta concepção, inferior, indigno.

Referindo-se, por exemplo, à mulher brasileira no período colonial, Araújo (2006, p. 45) registra o poder coercitivo da lei, da família, com o propósito de “abafar a sexualidade feminina que, ao rebentar as amarras, ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança do grupo social e a própria ordem das instituições civis e eclesiais”. Dito de outra forma, de acordo com a concepção, sobretudo, religiosa que dominou o pensamento brasileiro, a mulher estava destinada ao casamento, à submissão ao marido, à docilidade para servi-lo. Evidentemente, esta lógica foi transplantada para o solo tupiniquim sob o influxo social da Metrópole portuguesa, cuja marca indelével parece, sempre, ter sido a supremacia do macho.

Ferrenho opositor das crenças religiosas, Augusto Comte, por seu turno, forjou o Positivismo, que dominou a cultura brasileira ao final do século XIX, especialmente, com a instauração da República. Em conformidade com a doutrina positivista, assim como a religião, à mulher dedicava-se o cerceamento da liberdade, anota Ismério (1995, p. 37):

Aparentemente o Positivismo e a Igreja Católica opunham-se frontalmente. O primeiro possuía suas bases no discurso científico enquanto que a Igreja, em fundamentações teológicas. Mas nas questões relacionadas à família, propriedade e moral, ambos tinham discursos semelhantes (...). Em ambas, a mulher era a guardiã da moral e do culto religioso, resultante da reprodução rotineira de seu cotidiano, onde lhe são transmitidos símbolos e signos de uma cultura.

Seja, pois, sob a ótica religiosa ou sob a perspectiva positivista, firmava-se um papel para a mulher: protetora do lar e das tradições familiares, educadora dos filhos e obediente ao

marido. O não cumprimento destas obrigações condenava-a ao isolamento, à solidão. Sua presença fazia-se mais restrita ao lar e aos afazeres domésticos, não se registrando atuação social que, aos poucos, com a afirmação da classe burguesa no país, passaria a ocorrer, posto que o homem burguês deveria “ostentar” a honra e a sacralidade familiar. Salvo exceções, sobretudo, a partir da segunda metade do século XX, para a mulher deveria existir um duplo, o outro que a protegesse, o homem. Nem sempre, pois, a sociedade ocidental e, mais especificamente a brasileira, fez jus aos versos camonianos: “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”.

Na esteira destas considerações teóricas, procede-se à análise do conto “O búfalo” de Clarice Lispector, que integra a coletânea *Laços de família*, publicada, pela primeira vez, em 1960. Conforme Fernandes e Agra (2007, s/p):

a criação literária de Clarice Lispector é predominantemente marcada pela inquietação da insuficiência da linguagem e pelas difíceis relações entre mulheres oprimidas em seus restritos cotidianos e as fendas abertas por devaneios, fantasias, acasos e epifanias que tornam ainda mais tensa a ordem doméstica. As marcas ideológicas e repressivas da cultura vão sendo desveladas em meio às ambigüidades das personagens, divididas entre deveres e anseios.

O conto apresenta uma mulher que, no florescer da estação primaveril, vai ao Jardim Zoológico, “tentando encontrar-se com o próprio ódio” (1998, p. 126). Após passear entre as jaulas, a mulher – que não tem nome e que, portanto, pode configurar-se como a representação de todas as mulheres – depara-se com um búfalo:

O búfalo negro estava imóvel no fundo do terreno. Depois passeou ao longe com os quadris estreitos, os quadris concentrados. O pescoço mais grosso que as ilhargas contraídas. Visto de frente, a grande cabeça mais larga que o corpo impedia a visão do resto do corpo, como uma cabeça decepada. E na cabeça os cornos. De longe ele passeava devagar com seu torso. Era um búfalo negro. Tão preto que à distância a cara não tinha traços. Sobre o negror a alvura erguida dos cornos (LISPECTOR, 1998, p. 133).

Existem distintas raças de búfalos, entre elas, há variações quanto à estrutura física, à pelagem – que pode ser negra, cinza, marrom escura. Entre as principais características destes animais incluem-se a rusticidade, a fertilidade, uma vida útil de aproximadamente 15 anos, excelentes taxas de aproveitamento da carne e do leite. O que se destaca, contudo, é a docilidade do animal (MOREIRA *et. all*, 1994). Ressalve-se que esta marca não é observada

entre os animais selvagens, os quais podem atacar, se provocados, tanto o homem como outros animais, e suas chifradas podem ser mortais. Conforma-se, pois, o macho: rústico, viril, inquieto e, diante dele, a fêmea rejeitada, a mulher que busca o ódio: “‘Eu te odeio’, disse ela para um homem cujo crime único era o de não amá-la” (LISPECTOR, 1998, p. 127). Um diante do outro, dois estranhos que buscam se reconhecer: mulher e búfalo. Segundo Augras (1986, p. 56): “a compreensão do outro não descansa apenas na compreensão de si, mas se justifica a partir da situação do homem como desconhecido de si para si mesmo. Ou seja, a coexistência é também co-estranheza”.

Na prática, a mulher busca um aprendizado que não lhe é peculiar: o ódio e imagina encontrá-lo entre os animais, procura, pois, identificar uma diferença, posto que, conforme Landowski (2003), há necessidade de outros para que se reconheça o “eu”, ou, dito de outra forma, o indivíduo tem necessidade do outro – ele/eles – para adquirir sua existência, a partir de semelhanças e distinções que entabula nesta espécie de comparação: “(...) a emergência do sentimento de ‘identidade’ parece passar necessariamente pela intermediação de uma ‘alteridade’ a ser construída” (LANDOWSKI, 2003, p. 4). As ponderações de Landowski (2003) expressam-se, no conto: “Eu te amo, disse ela então com ódio para o homem cujo grande crime impunível era o que não querê-la. Eu te odeio, disse implorando amor ao búfalo (LIPECTOS, 1998, p. 134). O búfalo é, para a mulher, seu ponto de encontro e seu ponto de estranheza.

Convém salientar que não apenas o búfalo apresenta-se como um ponto de referência, como o outro que se diferencia e se aproxima desta mulher que amou e foi rejeitada. Ele, no entanto, assim como ela, é o único que se encontra solitário e que lhe oferece a efetiva experiência do ódio: “Lentamente a mulher meneava a cabeça, espantada com o ódio com que o búfalo, tranqüilo de ódio, a olhava” (LISPECTOR, 1998, p. 135). Ódio que a mulher espera encontrar entre os animais e, por isso, dirige-se àquele espaço, uma dúvida, porém, a assola: “Oh, Deus, quem será meu par neste mundo” (LISPECTOR, 1998, p. 128).

Ao leitor mais atento chama a atenção o tempo em que se insere a narrativa: “Mas era primavera” (LISPECTOR, 1998, p. 126), tempo de florescimento, de renascimento. De acordo com a mitologia grega, Hades sequestrou a sua sobrinha Perséfone, filha de Zeus e Démeter, levou-a aos subterrâneos e, enquanto isso, a mãe pranteava o desaparecimento da filha. Zeus, então, enviou Hermes como mensageiro e ele acertou com Hades que a jovem retornaria aos braços de Démeter. O senhor das trevas, entretanto, deu para a jovem uma semente de romã, obrigando-a a comer. No retorno da filha, a mãe

ergueu-se de um salto (...). Perséfone, deixando o carro, voou ao seu encontro. Enquanto se abraçavam, Démeter já estava perguntando à filha se ela comera alguma coisa no palácio de Hades. Pois se o tivesse feito, teria de passar um terço do ano debaixo da terra e só nos outros dois terços poderia ficar com a mãe e com o resto dos imortais, voltando para eles com a primavera (KERENYI, 2004, p. 185)

Assim sendo, após passar um terço do ano com Hades, ao retornar do reino dos mortos, Pérsefone vem saciada em seus desejos carnavais. Aqui, opera-se a dualidade entre mundos distintos: as trevas, a morte e, de outro lado, a vida, a natureza que renasce após o frio e rigoroso inverno, justamente a primavera. Deve-se salientar, porém, que, nos dois mundos, Pérsefone é aceita, admitida em sua individualidade, convivendo, porém, entre duas forças motrizes: o amor materno e o amor conjugal. A chegada de Pérsefone à companhia da mãe marca também o esplendor da natureza: “mas era primavera e dois leões se tinham amado” (1998, p. 126), não é, pois, o momento e o local mais adequado para a busca do ódio empreendida pela protagonista do conto. Ressalte-se que a “leoa lentamente reconstituiu sobre as patas estendidas a cabeça de uma esfinge” (1998, p. 126). Mais do que fêmea, a imagem da leoa recompõe a esfinge que, na cultura ocidental, encontra-se vinculada à história de Édipo: mais que fêmea, a esfinge é devoradora.

Conforme a tradição, jovens – homens e mulheres - eram sacrificados, anualmente, em favor da figura mítica colocada a entrada de Tebas, Édipo decifrou-lhe o enigma e ela suicidou-se: “Ao ouvi-lo, a Esfinge fez o que faziam as Sereias quando alguém deixava de sucumbir ao seu canto. E assim como elas se atiravam ao mar (...), assim se lançou a virgem-leoa alada” (KERENYI, 1996, p. 87). Assim, Édipo desposou a própria mãe, Jocasta, e, com ela, teve quatro filhos: Antígona, Ismênia, Polínice e Etéocles, mais do que o desejo carnal, conforma-se, no par masculino e feminino, a procriação. Desse modo, mais do que o Jardim Zoológico, a própria cultura ocidental reforça a solidão da mulher. Falta-lhe o macho, o outro, aquele que lhe concede identidade, em um espaço que transpira, respira, transcende desejo, prazer, sexo.

A palavra identidade possui sua origem no latim clássico: *idem*, que significa o mesmo e de onde se derivam as ideias de homogeneidade, uniformidade, igualdade. O conceito supõe a existência do outro – o semelhante –, que conduz à ideia do *alter*, ou seja, a identidade somente se define em relação ao outro, conforme afirma Ricouer (1991, p. 424):

a identidade de um indivíduo ou de uma comunidade é responder à questão: *Quem* fez tal ação? *Quem* é o seu agente, seu autor? Essa questão é primeiramente respondida nomeando-se alguém, isto é, designando-o por um nome próprio. Mas qual é o suporte da permanência do nome próprio? Que justifica que se considere o sujeito da ação, assim designado por seu nome, como o mesmo ao longo de toda uma vida, que se estende do nascimento à morte?

Eis que à mulher falta exatamente o par que lhe dá identidade, porque até mesmo o próprio nome lhe é negado pelo narrador. Mais do que a mulher, ela é a representação das mulheres ocidentais, de Pandora e Prometeu/Epimeteu, de Eva e Adão, de Malinche e Cortez, de Iracema e Martin, entre tantos exemplos possíveis. O que deflagra a busca desta mulher é o ódio provocado pela rejeição masculina, posto que ela apenas adquire existência na medida em que o outro, o homem lhe dá identidade, de tal sorte que rejeita, por exemplo, a girafa: “virgem de tranças recém-cortadas. Com a tola inocência do que é grande e leve e sem culpa (...) carne que se distraía em altura e distância, a girafa quase verde (1998, p. 127). Os macacos também não lhe servem, seu olhar repousa sobre um animal velho: “os olhos do macaco tinham um véu branco gelatinoso cobrindo a pupila, nos olhos a doçura da doença, era um macaco velho” (1998, p. 127). Neste caso, a velhice pode ser associada à falta de desejo e se expressa também no elefante – enorme, ele é incapaz de reagir, é dócil e a doçura não era o intento da mulher naquele passeio. Assim como ela não atribui relevância ao quati: “Perturbada, desviou os olhos da ingenuidade do quati. O quati curioso lhe fazendo pergunta como uma criança pergunta (LISPECTOR, 1998, p. 130). O quati não adquire importância porque lhe falta o atributo do desejo, resta-lhe apenas a inocência infantil. Dessa forma, a mulher vai excluindo os animais que encontra: “Tal como se apresenta, você não tem lugar entre nós” (Landowski, 2003, p. 10).

Da mesma forma, ela é uma estranha entre os casais de namorados na montanha russa. Convém salientar, entretanto, que, ali, sozinha, com a maquinaria ainda parada: “A brisa arrepiou-lhe os cabelos da nuca, ela estremeceu recusando, em tentação recusando, sempre tão mais fácil amar” (1998, p. 129), mais do que excluída, ela é a transgressora do modelo dominante, ou seja, é um “outro” que instabiliza o *status quo*, ou, ainda, instabiliza-o na aparência, visto que o desejo manifesta-se em seu ser.

Landowski (2003, p. 12) escreve:

se há heterogeneidade, ela resulta tanto do que se passa dentro quanto do que acontece fora, por conseguinte, é primeiro em seu próprio seio (...) que o corpo social deveria procurar a que se deve a multiplicação desses casos

‘com problemas’, que ele encontra tanta dificuldade em reconduzir à ordem, inventando indefinidamente novos meios de prevenção, de condicionamento, de inserção, de integração ou de assistência – em suma, de assimilação (...).

Pertinente é observar, contudo, que ao grupo – os casais apaixonados – a mulher é apenas um ente estranho, que não segue o que seria tido como natural naquelas circunstâncias, isto é, a formação do casal, o duplo, o conjunto. Mas, para a mulher, a situação é de violência:

Mas de repente foi aquele vôo de vísceras, aquela parada de um coração que se surpreende no ar, aquele espanto, a fúria vitoriosa com que o banco a precipitava no nada e imediatamente a soerguia como uma boneca de saia levantada, o profundo ressentimento com que ela se tornou mecânica (...), faziam dela o que queriam (LISPECTOR, 1998, p. 129).

Ela foge ao modelo padrão, ali, encenado. Se a mulher, no conto, não satisfaz este paradigma, ela se exclui, porque o modelo social é excludente, e ela somente encontrará identificação na força bruta do búfalo. Porque acima do homem a ser servido, há o macho e o desejo do gozo, mais do que odiar o homem que a rejeitou, parece-lhe atraente desfrutar, aproveitar a sua sensibilidade, a sensualidade que ela rejeita e que se esconde em um casaco marrom, sóbrio. O que se depreende, diante da jaula do búfalo, é a busca do prazer feminino que lhe foi sonogado pelo outro, por aquele que lhe confere identidade, e que, anatomicamente, a completa: o homem, posto que a mulher só existe na relação direta com o homem e se ele a nega, ela perde valor, razão, resta-lhe transgredir, fugir do estigma dócil, afetuoso e procurar o oposto: completar-se já que não encontra quem a complete. Eis o falo: “No instante seguinte, a mulher de novo viu apenas o duro músculo do corpo” (LISPECTOR, 1998, p. 133), castrada (pela ausência anatômica do pênis e pela falta do homem amado), ela quer, ela deseja a satisfação da carne, em suma, o prazer, ainda que este prazer seja o ódio.

Neste particular, o búfalo exerce então o poder alternativo e, ao mesmo tempo, interdito: “Ele se aproximava, a poeira erguia-se. A mulher esperou de braços pendidos ao longo do casaco. Devagar ele se aproximava. Ela não recuou um só passo. Até que ele chegou às grades e ali parou” (LISPECTOR, 1998, p. 135). A grade é o limite, a sociedade e os estigmas que a caracterizam são o limite para a mulher representada no conto, a quem foi ensinado apenas amar e servir:

Recomeçou então a andar, agora apequenada (...). No peito que só sabia resignar-se, que só sabia suportar, só sabia pedir perdão, só sabia perdoar, que só aprendera a ter doçura da infelicidade, e só aprendera a

amar, a amar, a amar. Imaginar que talvez nunca experimentasse o ódio de que sempre fora feito o seu perdão, fez seu coração gemer sem pudor (LISPECTOR, 1998, p. 131).

Despida do pudor que experimentou no paraíso, em que Eva – a mãe de todos os viventes -, reconheceu a própria sexualidade e foi amaldiçoada por Deus, a mulher encontra-se com o espaço do búfalo e se entrega a este momento: “Certa paz enfim” (LISPECTOR, 1998, p. 132), em que o seu íntimo é revolvido: “Uma coisa branca espalhará-se dentro dela” (LISPECTOR, 1998, p. 133) e uma nova sensação lhe é apresentada: o prazer solitário, íntimo.

Entretanto, aquele que infringe os padrões dominantes, na sociedade conforme concebida no universo ficcional que se põe em foco, resta a negação, a exclusão: se o indivíduo não cumpre rigorosamente os preceitos sociais, ele não é aceito, assimilado pela sociedade e, se ele ousa contrariá-la, ele deve ser expurgado.

Mais do que o prazer físico, a paz que envolve a mulher é a paz da morte que “zumbia nos seus ouvidos” (LISPECTOR, 1998, p. 133) – a morte da mulher submissa a um padrão estipulado antes do seu nascimento, perdido nos desvãos da memória coletiva, e que descobre a possibilidade de transcender o modelo social vigente, ainda que tal lhe determine a dor: “O primeiro instante foi de dor. Como se para que escorresse este sangue se tivesse contraído o mundo” (LISPECTOR, 1998, p. 134).

Assim posto, tudo tem seu custo:

Inocente, curiosa, entrando cada vez mais fundo dentro daqueles olhos que sem pressa a fitavam, ingênua, num suspiro de sono, sem querer nem poder fugir, presa ao mútuo assassinato. Presa como se sua mão não tivesse grudado para sempre ao punhal que ela mesma cravara. Presa, enquanto escorregava enfeitiçada ao longo das grandes (LISPECTOR, 1998, p. 135).

Conforme postula Landowski (2003), o Sr. Todo Mundo, que organiza a sociedade de inserção da protagonista, veda-lhe participação no meio ao qual ela retornaria, sua experiência não é bem vinda, visto que o comportamento que ela experimenta não é tido como normal no meio que ele engendra e, assim, “sua erradicação se impõe” (LANDOWSKI, 2003, p. 8).

Deste modo, o “outro” que emerge após a experiência de ódio, típica do comportamento masculino, não é bem visto, não é aceito e a mulher deve sucumbir para que a ordem se mantenha.

REFERENCIAS

ARAÚJO, E. “A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia”. In: DEL PRIORE, Mary (org.) **História das mulheres no Brasil**. 8. ed. São Paulo, Contexto, 2006 (p. 45 a 77).

AUGRAS, Monique. **O ser da compreensão: fenomenologia da situação de diagnóstico**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo, Ed. Paulinas, 1973.

FERNANDES, R. & AGRA, E.B. “O duplo do feminino no conto *O búfalo*, de Clarice Lispector”. XII SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA. 2007. Ilhéus/BA: Anais disponíveis em < <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/index.htm>>. Acesso em 22.05.10.

ISMÉRIO, C. **Mulher: A moral e o imaginário** (1889-1930). Porto Alegre, EDIPUCRS, 1995.

KERÉNYI, K. **Os deuses gregos**. 4. ed. São Paulo, Cultrix, 2004.

_____. **Os heróis gregos**. 2. ed. São Paulo, Cultrix, 1996.

LANDOWSKI, E. **Presenças do outro**. 2. ed. São Paulo, Perspectiva, 2003.

LISPECTOR, C. **Laços de família**. 9. ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.

MOREIRA, P.; COSTA, A. L.; VALENTIN, J. F. *Comportamento produtivo e reprodutivo de bubalinos mestiços Murrah-Mediterrâneo em pastagem cultivada em terra firme, no Estado do Acre*. Rio Branco: Embrapa-CPAF-Acre, 1994. 19 p. (Boletim de Pesquisa, 13).

RICOUER, P. **O si-mesmo como um outro**. Tradução Lucy Moreira Cesar. Campinas: Papyrus, 1991.